



10 de dezembro de 2024

INQUÉRITO À ESTRUTURA DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS
2023

RETRATO DA AGRICULTURA NACIONAL - 2023

O INE divulga os resultados do Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 2023, disponibilizando a atualização dos indicadores da base de dados neste [Portal](#)

Em 2023 foram contabilizadas 261,5 mil explorações (-9,9% que em 2019) e 3,861 milhões de hectares de SAU (-2,6% que em 2019), destacando-se:

- A aceleração do ritmo de redução do número de explorações agrícolas desde 2019, em particular das de pequena dimensão, generalizado a todas as NUTSII;
- O aumento da dimensão média das explorações para os 14,8 hectares de SAU por exploração (13,7 hectares em 2019) e da dimensão económica média para os 31,4 mil euros de VPPT por exploração (23,3 mil euros de VPPT em 2019);
- A manutenção da importância da especialização das explorações nacionais (3/4 do total);
- O aumento da mão de obra assalariada, que compensou o decréscimo da mão de obra familiar e interrompeu a tendência de decréscimo do volume de mão de obra agrícola registada desde 1989;
- A importância das sociedades agrícolas na estrutura produtiva, que é muito superior à sua representatividade (6%);
- As diferenças entre os dirigentes das sociedades agrícolas, que têm em média 54 anos e boas qualificações, e os produtores singulares, cuja média de idades é de 65 anos e a formação agrícola é principalmente prática;
- Na utilização das terras, o aumento da área das culturas permanentes, que ultrapassou pela primeira vez as terras aráveis;
- No regadio, a utilização de 3 mil milhões de m³ de água na rega de 581,4 mil hectares no Continente;
- O decréscimo do número de explorações e do efetivo de herbívoros, devido à conjuntura desfavorável;
- O aumento significativo das explorações e das áreas certificadas em modo de produção biológico, que mais que triplicaram em 4 anos;
- O aumento da importância das boas práticas de conservação do solo, nomeadamente da mobilização reduzida e da manutenção do coberto vegetal durante o inverno.

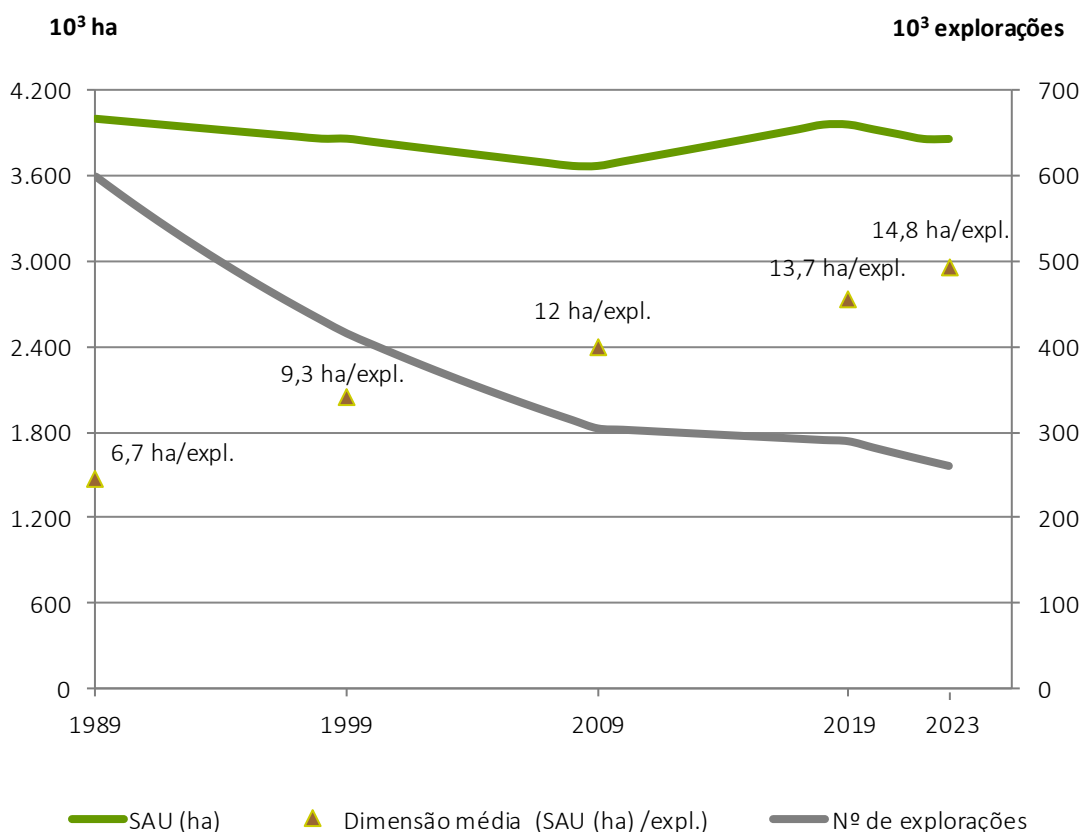


Explorações Agrícolas: aceleração do ritmo de abandono da atividade e aumento da dimensão média

Em 2023 foram contabilizadas 261,5 mil explorações, menos 28,7 mil explorações que em 2019 (-9,9%), verificando-se um aumento do ritmo de abandono da atividade agrícola no último quadriénio, face à década de 2009 a 2019. Apesar de um número significativo de produtores ter cessado/abandonado a atividade agrícola desde 2019, o decréscimo da Superfície Agrícola Utilizada¹ (SAU) foi menos expressivo (-2,6%) passando a ocupar 3,861 milhões de hectares (41,9% da superfície territorial).

A dimensão média das explorações aumentou 1,1 hectares de SAU por exploração desde 2019 (8,1%), passando dos 13,7 hectares para os 14,8 hectares por exploração.

Figura 1 - Nº explorações e SAU (1989-2023)



Fonte: INE, IP

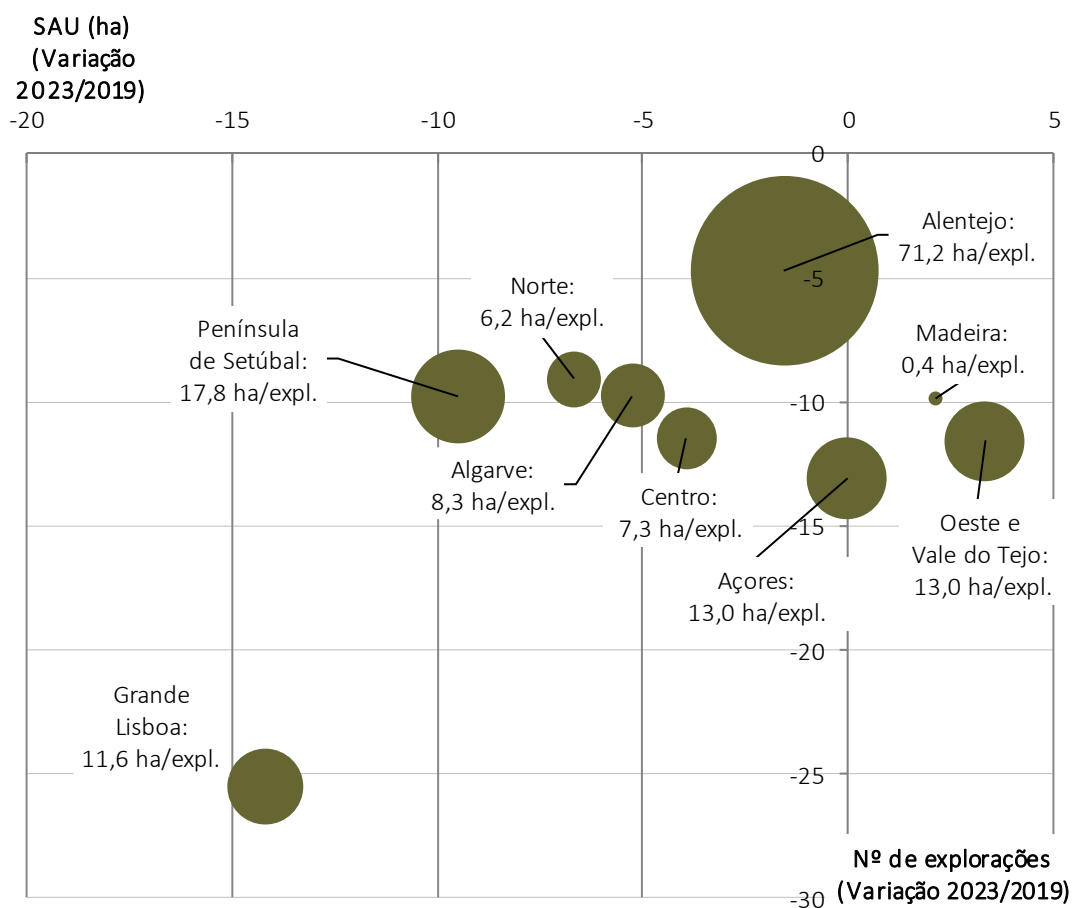
¹ Superfície Agrícola Utilizada (SAU): Superfície da exploração que inclui terras aráveis (limpas e sobcoberto de povoamentos florestais), hortas familiares, culturas permanentes e pastagens permanentes.



O decréscimo do número de explorações ocorreu em todas as NUTSII, mas foi mais evidente na Grande Lisboa, onde cerca de 1/4 das explorações abandonaram atividade desde 2019, e menos expressivo no Alentejo (-4,7%). A Grande Lisboa e a Península de Setúbal registam os maiores decréscimos de SAU, face a 2019.

A dimensão média das explorações apresenta uma grande variabilidade regional, sendo de 71,2 hectares por exploração no Alentejo, cerca de cinco vezes superior à média nacional, enquanto no Norte e Centro é de 6,2 hectares e 7,3 hectares por exploração, respetivamente.

Figura 2 - Variação do nº explorações e SAU por NUTSII (2019-2023) e dimensão média das explorações (2023)



Nota: A superfície da bola é proporcional à dimensão média da exploração (SAU (ha)/ expl.)

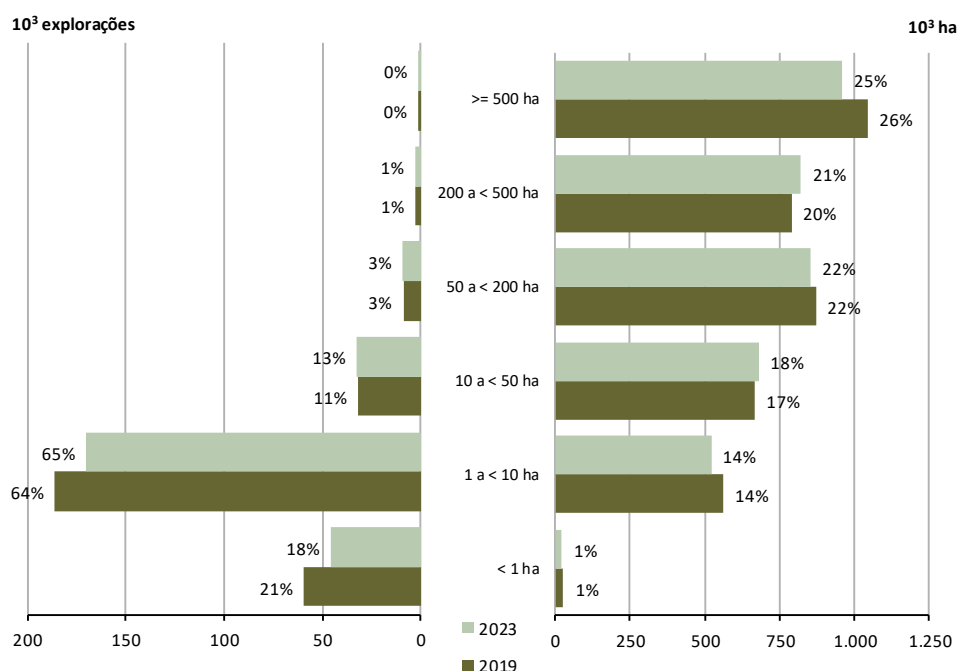
Fonte: INE, IP



A diminuição do número de explorações verificada desde 2019 ocorreu sobretudo nos pequenos produtores, verificando-se decréscimos de 22,8% nas explorações de menor dimensão, com menos de 1 hectare de SAU, e de 8,5% nas com 1 hectare a menos de 10 hectares de SAU, sendo que o número de explorações com 10 ou mais hectares de SAU cresceu 1,6%. O aumento da dimensão média das explorações resultou fundamentalmente da redução do número das pequenas explorações, e não de alterações significativas na estrutura fundiária.

De referir que as explorações com 50 ou mais hectares de SAU, embora representem 5% das explorações, gerem 2/3 da SAU.

Figura 3 – Nº de explorações e SAU por classe de SAU (2019-2023)



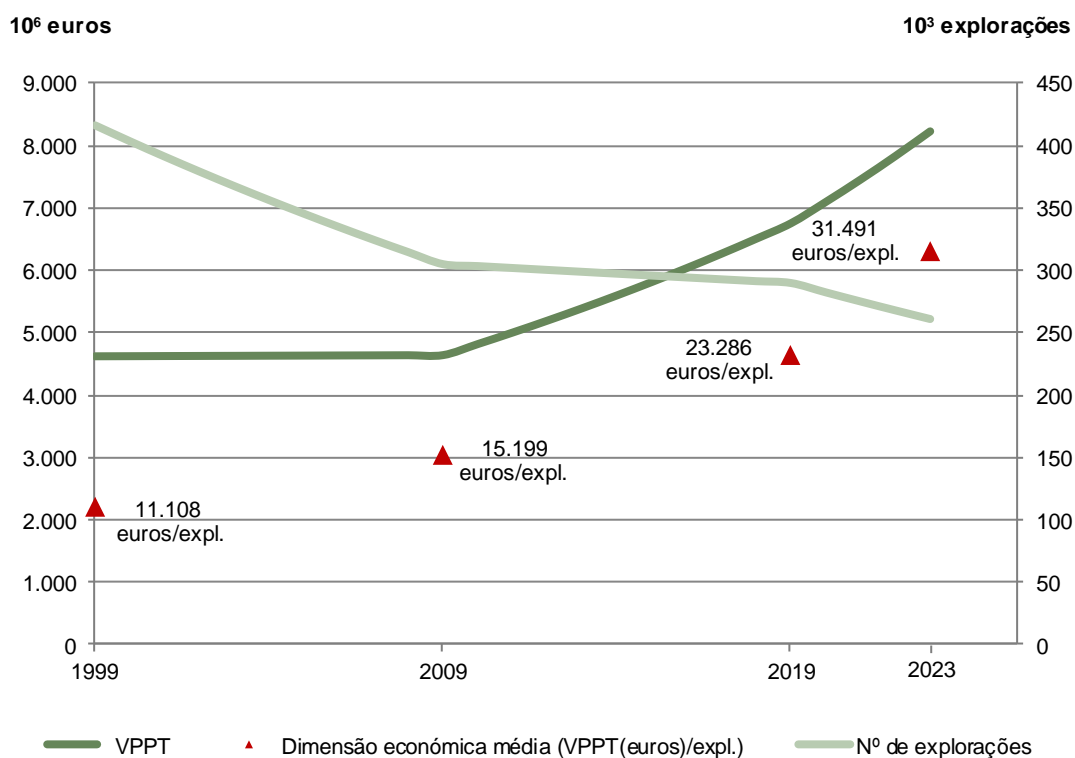
Fonte: INE, IP



Tipologia das explorações: aumento da dimensão económica das explorações e predominância da especialização

O Valor da Produção Padrão Total² (VPPT) nacional foi de 8,2 mil milhões de euros em 2023 (+21,8% que em 2019), correspondendo a uma dimensão económica média de 31,5 mil euros de VPPT por exploração (+35,2% que em 2019).

Figura 4 - Nº explorações e VPPT (1999-2023) e dimensão económica média (2023)



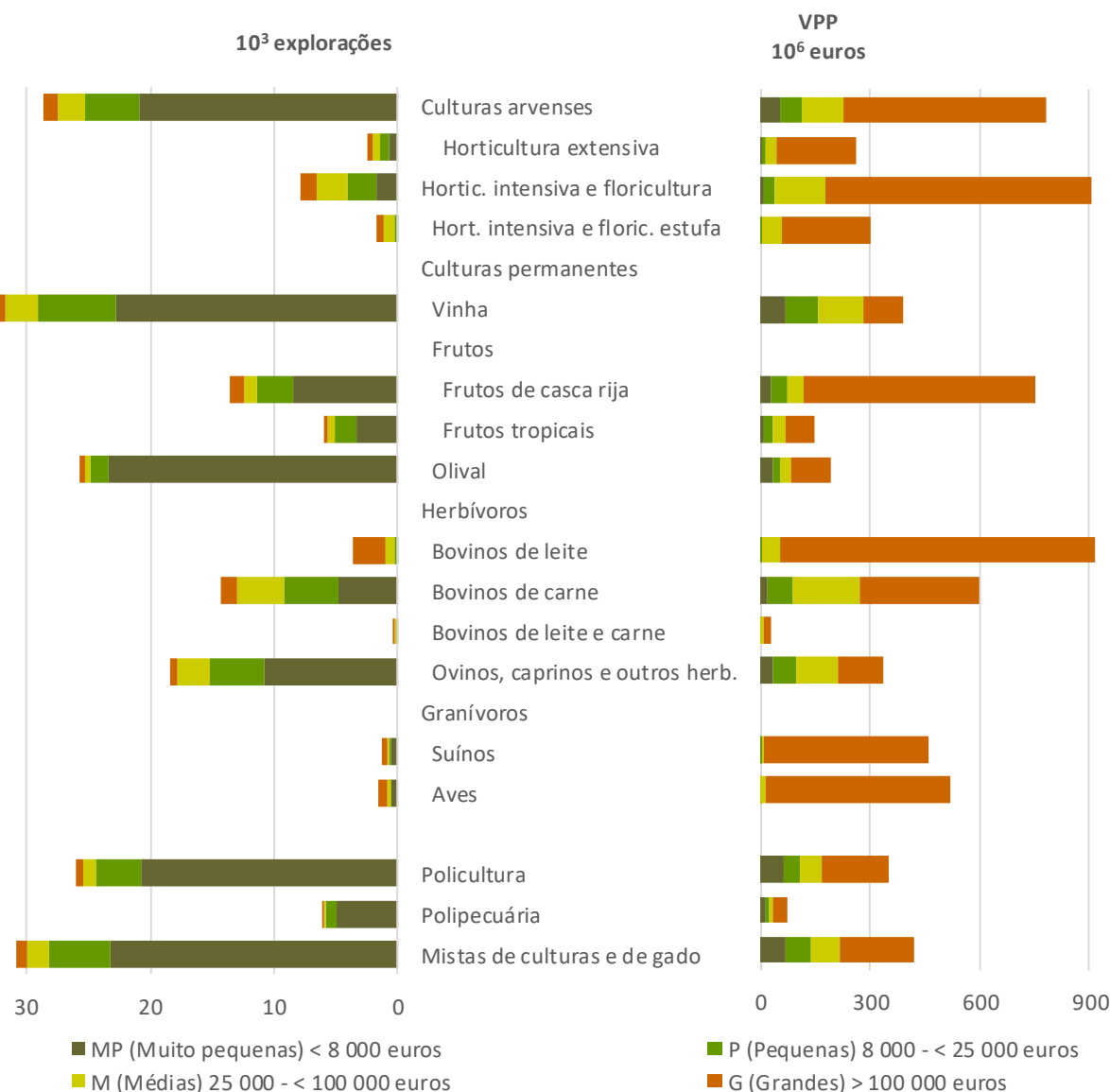
Fonte: INE, IP; GPP

² **Valor de Produção Padrão (VPP):** é o valor monetário médio da produção agrícola, obtido a partir dos preços de venda à porta da exploração. É expresso em euros por hectare ou cabeça de gado, conforme o sistema de produção, e corresponde à valorização mais frequente que as diferentes produções agrícolas têm em determinada região, designando-se a soma dos diferentes VPP obtidos para cada exploração (multiplicando os VPP pelo número de unidades existentes dessa atividade na exploração) de Valor da Produção Padrão Total (VPPT). O período de referência dos dados de base dos VPP cobriu o período 2018 a 2020, sendo o cálculo das VPP da responsabilidade do Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral - GPP.



A maioria das explorações nacionais (75,1%) são especializadas, i.e., mais de 2/3 do seu VPPT provém de apenas uma atividade. As explorações cujos VPPT provêm de várias atividades, classificadas como Orientações Técnico Económica³ (OTE) mistas ou combinadas, nomeadamente a policultura, a polipequária e as mistas de culturas e criação de gado, representam cerca de 1/4 das explorações, mas só contribuem com 10,3% do VPPT, apresentando uma dimensão económica média inferior à generalidade das explorações especializadas.

Figura 5 - Nº explorações e VPP por OTE e classes dimensão económica (2023)



Fonte: INE, IP e GPP

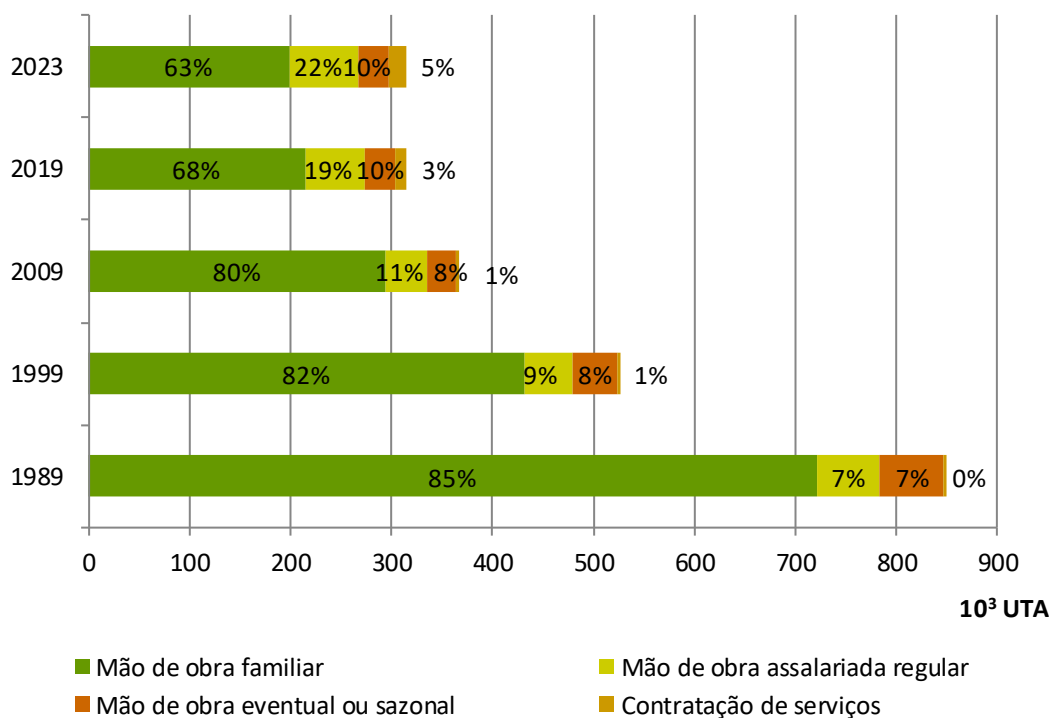
³ Orientação Técnico-Económica (OTE) de uma exploração: determina-se, avaliando a contribuição de cada atividade para a soma do VPPT dessa exploração.



Mão de obra agrícola: estabilização do volume de trabalho

De 2019 para 2023 o volume de mão de obra agrícola, expresso em Unidades de Trabalho Ano⁴ (UTA), não se alterou, interrompendo a tendência de decréscimo registada desde 1989, devido ao aumento da mão de obra assalariada, que compensou o decréscimo da mão de obra familiar. Embora a mão de obra agrícola continue a ser composta maioritariamente pela população agrícola familiar (63% das UTA de 2023), o contributo dos trabalhadores assalariados permanentes passou a representar 22% (+3 p.p. que em 2019) e o conjunto da mão de obra sazonal e da contratação de serviços alcançou os 15% (+2 p.p. que em 2019).

Figura 6 - Composição da mão de obra agrícola (1989-2023)



Fonte: INE, IP

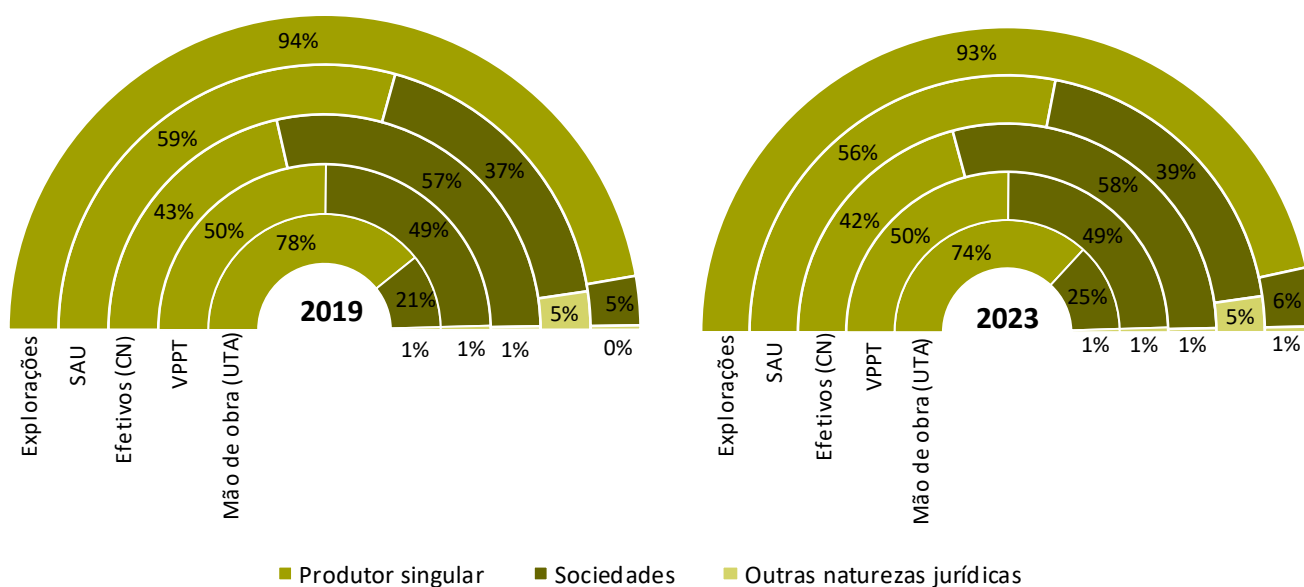
⁴ **Unidade de Trabalho Ano (UTA):** unidade de medida equivalente ao trabalho de uma pessoa a tempo completo realizado num ano medido em horas (1 UTA = 240 dias de trabalho ou 1920 horas por ano).



Natureza jurídica⁵: importância das sociedades agrícolas na estrutura produtiva muito superior à sua representatividade

A maioria das explorações agrícolas é gerida por produtores singulares (93,2%). No entanto, a importância das empresas agrícolas na estrutura produtiva é muito superior à sua representatividade: 6,2% das explorações gerem 39,5% da SAU (+2,7 p.p. que em 2019), produzem 57,7% dos efetivos pecuários (+1,2 p.p. que em 2019), medidos em Cabeças Normais⁶ (CN), e utilizam 25,4% da mão de obra agrícola total, medida em UTA (+4,6 p.p. que em 2019). Empregam 65,3 mil trabalhadores (mais 9 mil em 2019), o que corresponde 78,4% da mão de obra agrícola assalariada com ocupação regular (+1,7 p.p. que em 2019).

Figura 7 - Natureza jurídica (2019-2023)



Fonte: INE, IP

⁵ Natureza jurídica do produtor: a personalidade jurídica do responsável jurídico e económico da exploração, que pode assumir várias formas:

- Pessoa singular - quando o produtor agrícola é uma pessoa física, independentemente de ter registo da atividade económica nas Finanças;

- Sociedade - quando se trata de uma entidade, constituída segundo os códigos comercial e civil em sociedade por ações (anónimas), sociedade por quotas de responsabilidade limitada, sociedade em nome coletivo, sociedade em comandita, sociedade unipessoal ou outra;

- Baldios - terrenos possuídos e geridos por comunidades locais que, para este efeito, se designam por universo dos compartes que, segundo os costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio;

- Outras formas - inclui o Estado e pessoas públicas, quando a exploração está subordinada à administração central ou local, diretamente ou por intermédio de um organismo (ex.: estações agrárias, escolas agrícolas, institutos públicos, empresas públicas, administrações florestais, quartéis, prisões, etc.), bem como entidades de natureza privada, tais como cooperativas, associações, fundações, Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), seminários, conventos, mosteiros, escolas privadas, etc.

⁶ Cabeça Normal (CN): medida pecuária que relaciona os efetivos, convertidos em cabeças normais, em função das espécies e das idades, através de uma tabela de conversão, e, em que, um animal adulto da espécie bovina corresponde a 1 CN.



A dimensão média das sociedades agrícolas é de 94 hectares de SAU e 78 CN, consideravelmente superior à das explorações geridas pelos produtores singulares (9 hectares de SAU e 4 CN), o que permite a utilização mais eficiente da mão de obra agrícola.

Figura 8 - Indicadores por natureza jurídica (2023)

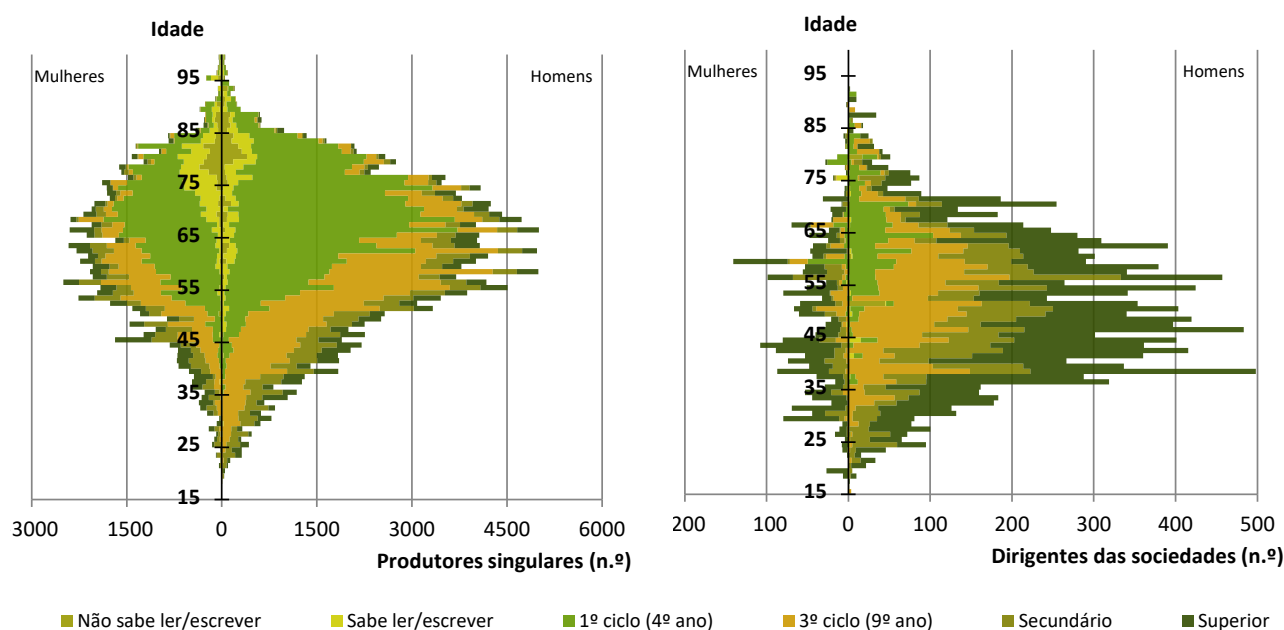
Indicador	Natureza jurídica	
	Sociedades agrícolas	Produtores singulares
Dimensão média (SAU (ha)/expl.)	94	9
Dimensão média (CN)/expl.)	78	4
Dimensão económica média (VPP (euros)/expl.)	212 279	14 611
UTA/100 hectares de SAU	5	11
UTA/100 CN	6	25

Fonte: INE, IP

Produtores singulares vs. Dirigentes das sociedades agrícolas: duas realidades distintas

Os produtores singulares são maioritariamente homens (67,0%), têm em média 65 anos, 43,6% concluíram apenas o primeiro nível do ensino básico e 47,2% têm formação agrícola exclusivamente prática, sendo que apenas 15,1% trabalha a tempo completo na actividade da exploração agrícola, representatividade semelhante à dos que declaram que a maioria do rendimento do seu agregado familiar provém da actividade agrícola da exploração (14,5%). Os dirigentes das sociedades agrícolas também são maioritariamente homens (85,4%), embora consideravelmente mais novos que os produtores singulares, com uma média de idades de 54 anos. Apresentam melhores qualificações, uma vez que cerca de metade dos dirigentes das sociedades concluíram o ensino superior (49,7%) e 26,8% têm formação agrícola completa.

Figura 9 - Caracterização do produtores singulares e dirigente das sociedades agrícolas (2023)



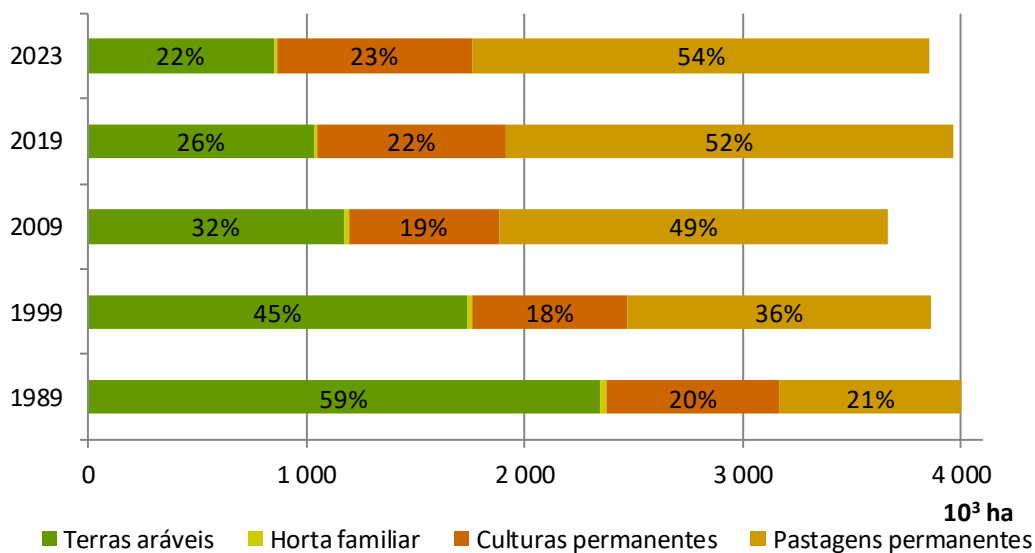
Fonte: INE, IP



Utilização das terras agrícolas: Aumento da área das culturas permanentes, que ultrapassa as terras aráveis

Dos 3,861 milhões de hectares de SAU, 54,4% são pastagens permanentes (51,7% em 2019), 23,3% culturas permanentes (21,7% em 2019) e 22,0% terras aráveis (26,2% em 2019). Assinala-se o facto de pela primeira vez as culturas permanentes ocuparem uma área superior às terras aráveis.

Figura 10 - Composição da SAU (1989-2023)



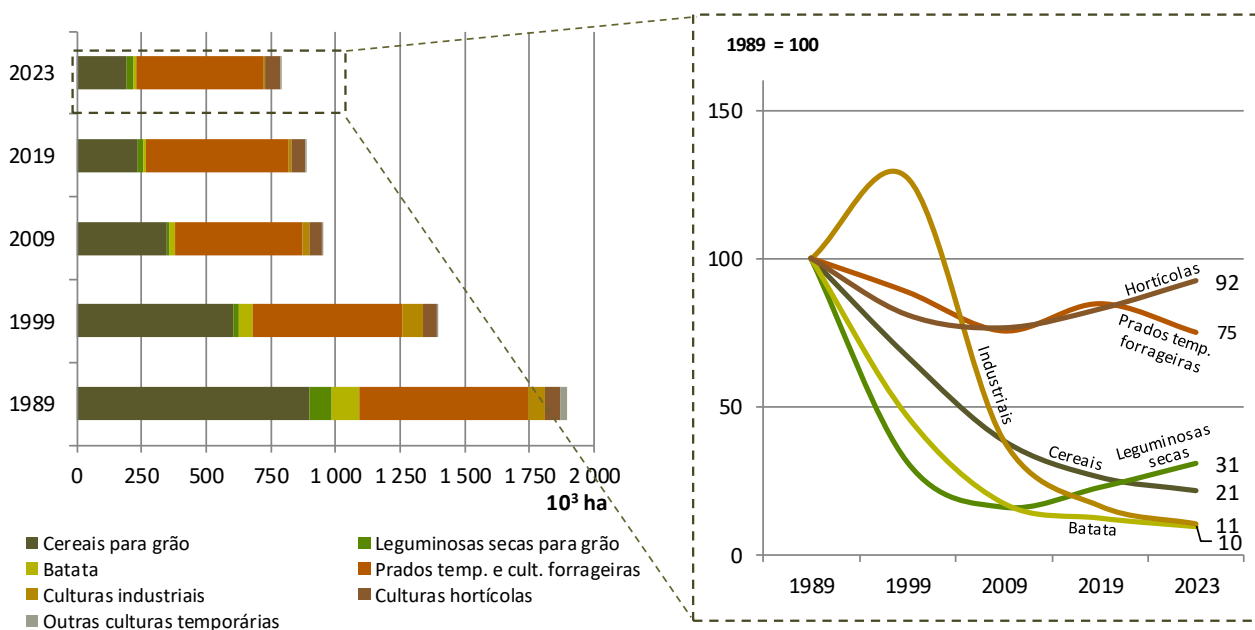
Fonte: INE, IP



A tendência decrescente da área ocupada por culturas temporárias, que ocorre desde 1989, manteve-se em 2023, tendo-se observado importantes reduções de áreas nos cereais para grão (-17,5%, face a 2019) e na batata (-23,0%, face a 2019). Em contrapartida, continua a verificar-se um aumento significativo da superfície de leguminosas para grão (+35,6%, face a 2019), tal como da superfície de hortícolas (+11,6%, face a 2019). Ainda que por motivos diferentes (apoios ligados à sustentabilidade ambiental da produção agrícola, no caso das leguminosas para grão, e dinâmica e esforço de investimento do setor, nas hortícolas), a taxa de crescimento médio anual desde 2009 foi de 4,1% nas leguminosas e de 1,4% nas hortícolas.

De referir que, apesar da redução de 11,3% da superfície dos prados temporários e culturas forrageiras, face a 2019, estas culturas reforçaram a importância relativa na área de culturas temporárias, passando dos 49,8% em 2019 para os 62,0% em 2023.

Figura 11 - Culturas temporárias (1989-2023)



Fonte: INE, IP

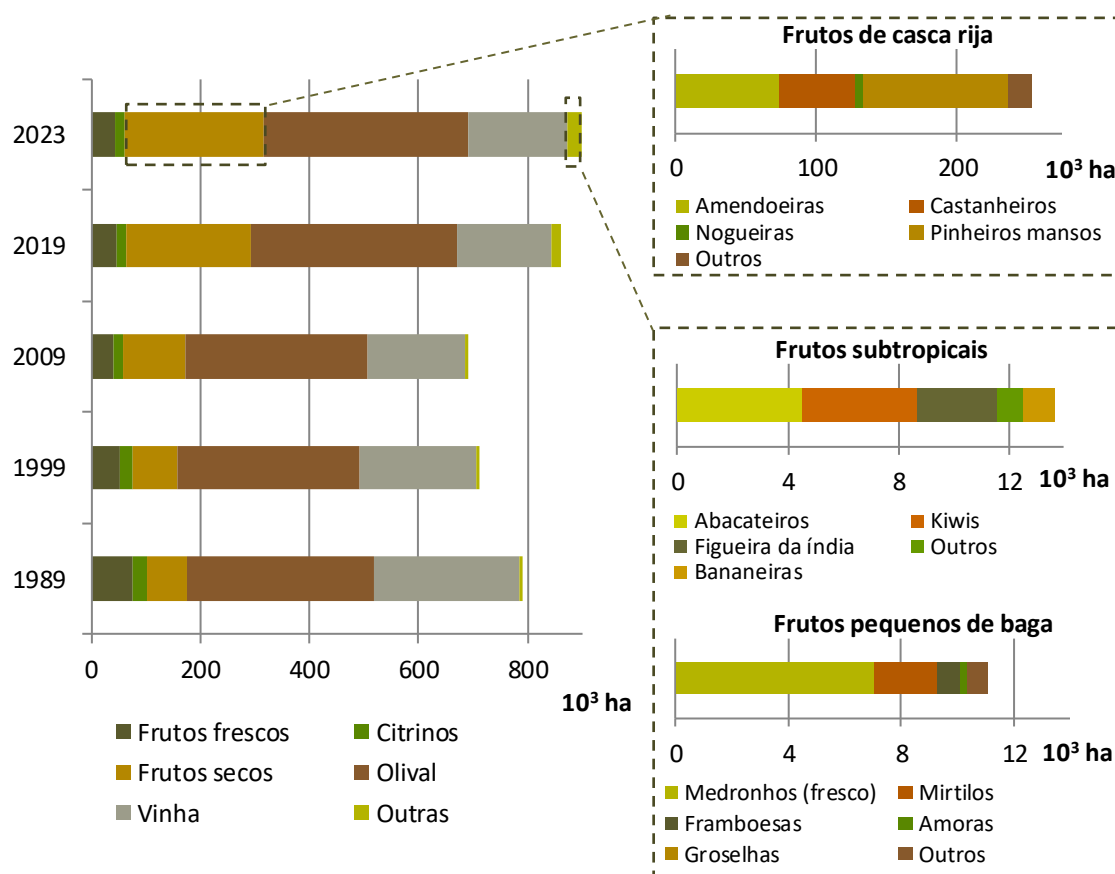
Nas culturas permanentes, observou-se uma consolidação do aumento da superfície nos frutos subtropicais, nos frutos pequenos de baga e nos frutos de casca rija. Nos frutos subtropicais, a área passou dos 7,7 mil hectares em 2019 para os 13,7 mil hectares (+77,5%), sobretudo devido à instalação de pomares de abacateiros (+117,5%) e de kiwi (+24,0%). Nos frutos pequenos de baga, o destaque vai para a área de pomares de medronhos para consumo em fresco, que aumentou 5,6 mil hectares (+387,4%, face a 2019), alcançando os 7,1 mil hectares.



O investimento em novos pomares de frutos de casca rija foi muito evidente nos últimos anos, em particular com a instalação de amendoeais, que aumentaram a superfície, desde 1989, em 24,8 mil hectares (variação média anual de +10,7%), passando a ocupar mais de 74 mil hectares. Verificaram-se ainda aumentos, embora de menor intensidade, das superfícies de castanheiros (+2,3%) e de nogueiras (+2,9%).

No olival, após uma década (2009-2019) de aumentos significativos, observa-se uma estabilização da área ocupada, em torno dos 376,4 mil hectares (-0,2%, face a 2019). Por outro lado, a vinha regista um aumento médio anual de 1,1% desde 2019, em linha com o regime de atribuição de autorizações para novas plantações de vinha, ocupando 180,8 mil hectares, em 2023. Observa-se ainda um aumento das superfícies certificadas para a produção de vinhos com certificação (DOP e IGP), que já ocupam mais de 90% da área de vinha destinada à produção de vinho (79,6% em 2019).

Figura 12 - Culturas permanentes (1989-2023)

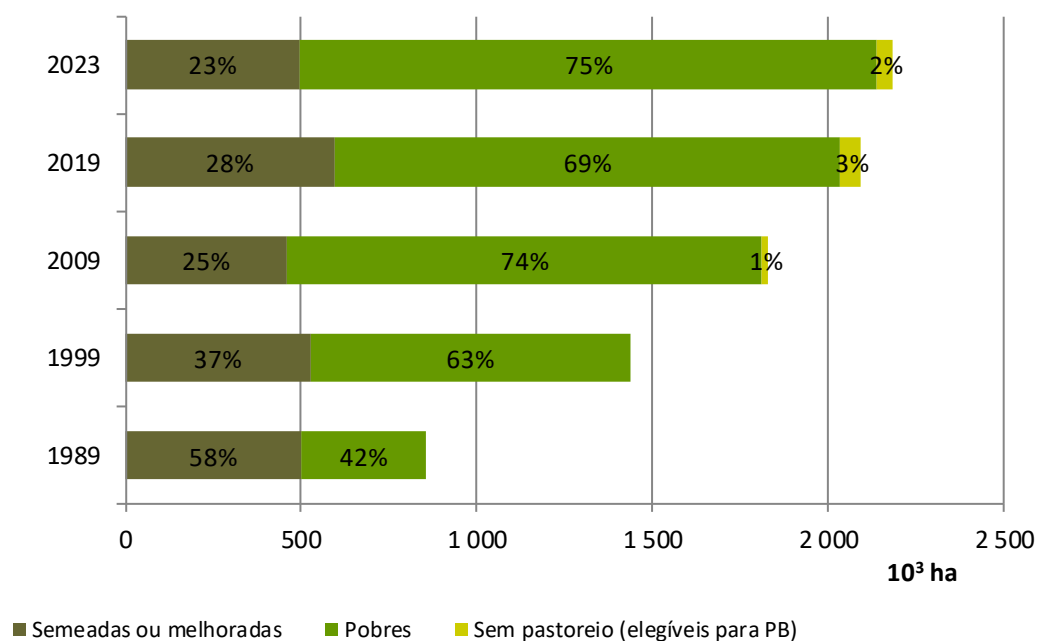


Fonte: INE, IP



Em 2023, os prados e pastagens permanentes ocupavam 2,2 milhões de hectares, o que corresponde a um aumento de 88,0 mil hectares face a 2019 (+4,2%). As pastagens pobres, sem quaisquer melhoramentos (nomeadamente sementeiras, adubações, regas, drenagens, etc.), representam 3/4 do total de pastagens permanentes.

Figura 13 - Pastagens permanentes por tipo e forma de instalação (1989-2023)



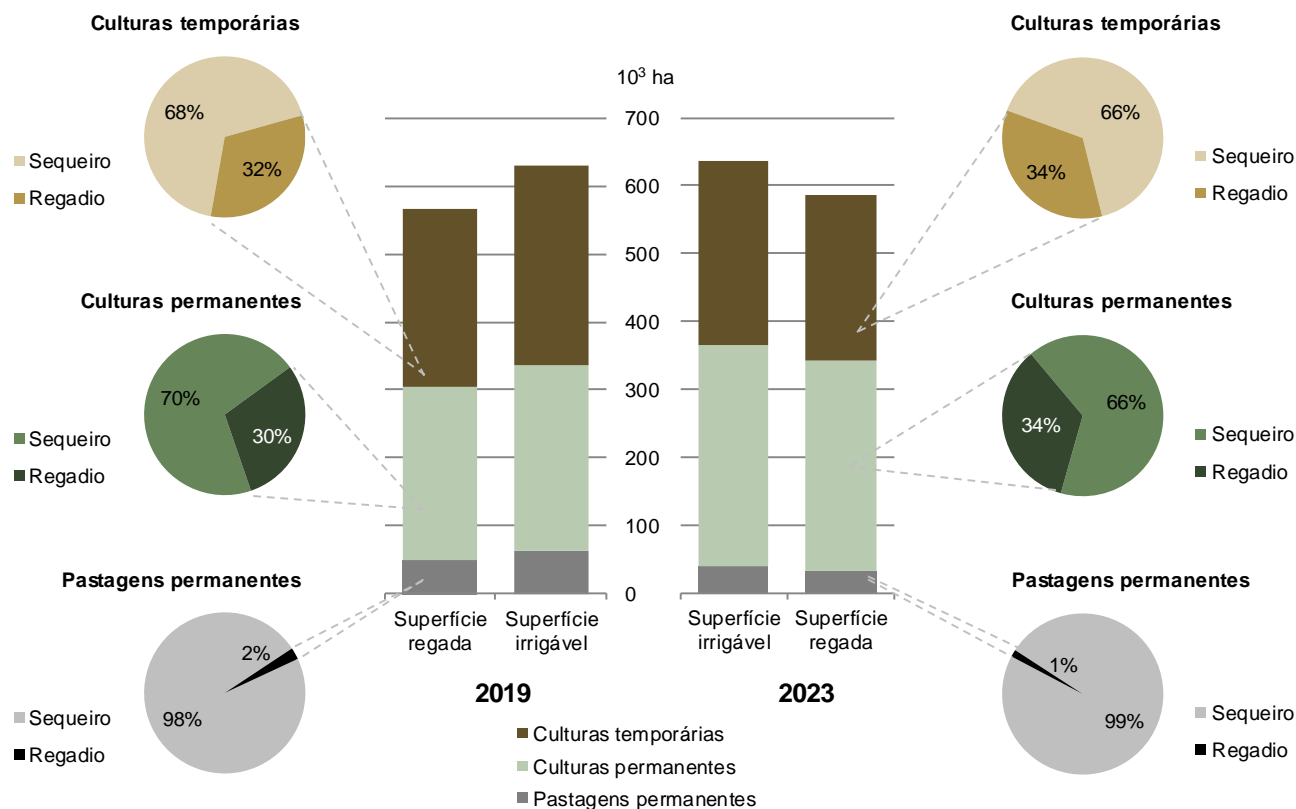
Fonte: INE, IP



Rega: 3 mil milhões de m³ de água utilizados na rega de 581,4 mil hectares no Continente

Em 2023, existiam 116,9 mil explorações com sistema de rega (44,7% do total), com capacidade para regar 637,3 mil hectares (16,5% da SAU), sendo a superfície efetivamente regada de 585,5 mil hectares (91,9% da superfície irrigável), o que corresponde a um aumento de 19,3 mil hectares (+3,4%), face a 2019. Este aumento da superfície regada beneficiou exclusivamente as culturas permanentes, cuja área regada cresceu 21,2%, passando a representar a maioria da superfície regada (51,1%) e aumentando a proporção do regadio para mais de 1/3 do total das culturas permanentes. A superfície regada das culturas temporárias decresceu 6,5%, embora tenha aumentado para os 34,4% a respetiva importância no total destas culturas (+2,3 p.p. que 2019).

Figura 14 - Regadio por ocupação cultural (2019-2023)

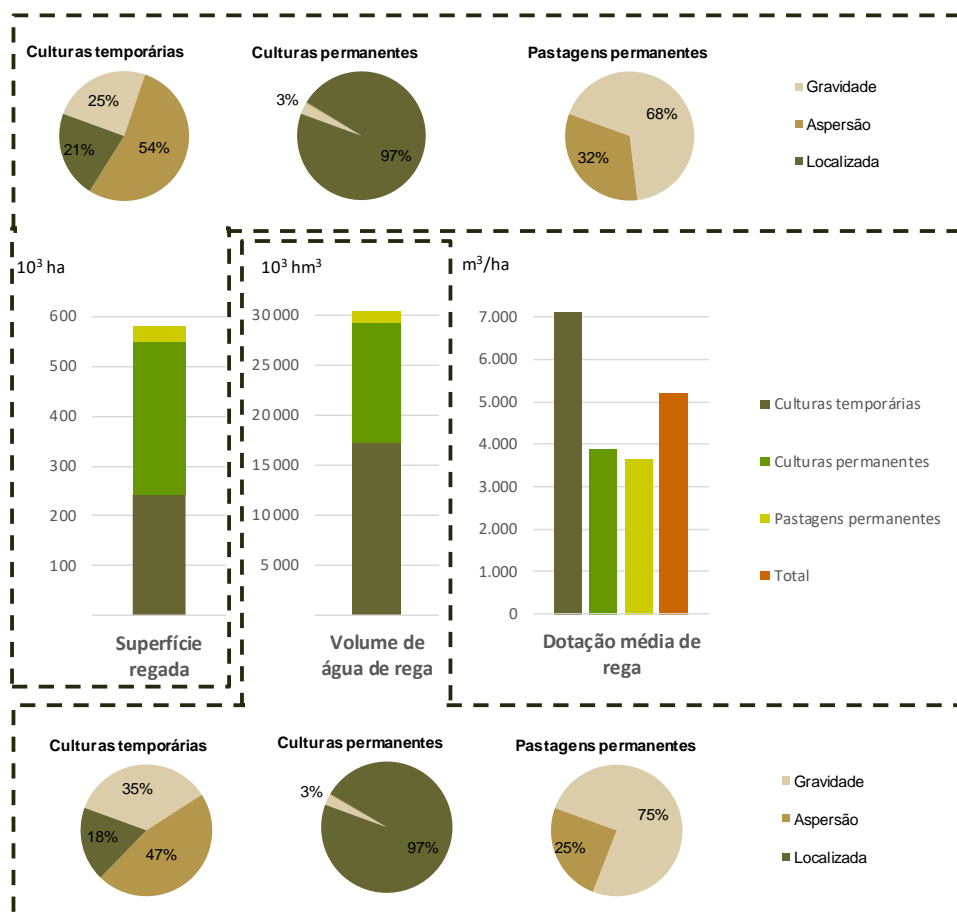


Fonte: INE, IP



Em 2023, os 581,4 mil hectares regados no Continente consumiram 3,0 mil milhões de m³ de água, dos quais 56,9% utilizados na rega das culturas temporárias, 39,3% na das culturas permanentes e 3,8% na dos prados e pastagens permanentes. Nas culturas temporárias regadas cerca de 1/4 da superfície utiliza métodos de rega por gravidade, consumindo 35,3% do volume de água destas culturas, o que corresponde a uma dotação média de 10,2 mil m³ por hectare. As dotações médias dos métodos de rega por aspersão e rega localizada são consideravelmente inferiores, respetivamente de 6,1 e 6,0 mil m³ por hectare, o que resulta numa dotação média das culturas temporárias de 7,1 mil m³ por hectare. As culturas permanentes são praticamente todas regadas por rega localizada (96,8%), sendo a dotação média de 3,9 mil m³ por hectare, enquanto a rega por gravidade é utilizada em mais de 2/3 da superfície regada de pastagens permanentes.

Figura 15 - Superfície, volume e dotação de rega por ocupação cultural e método de rega (2023)



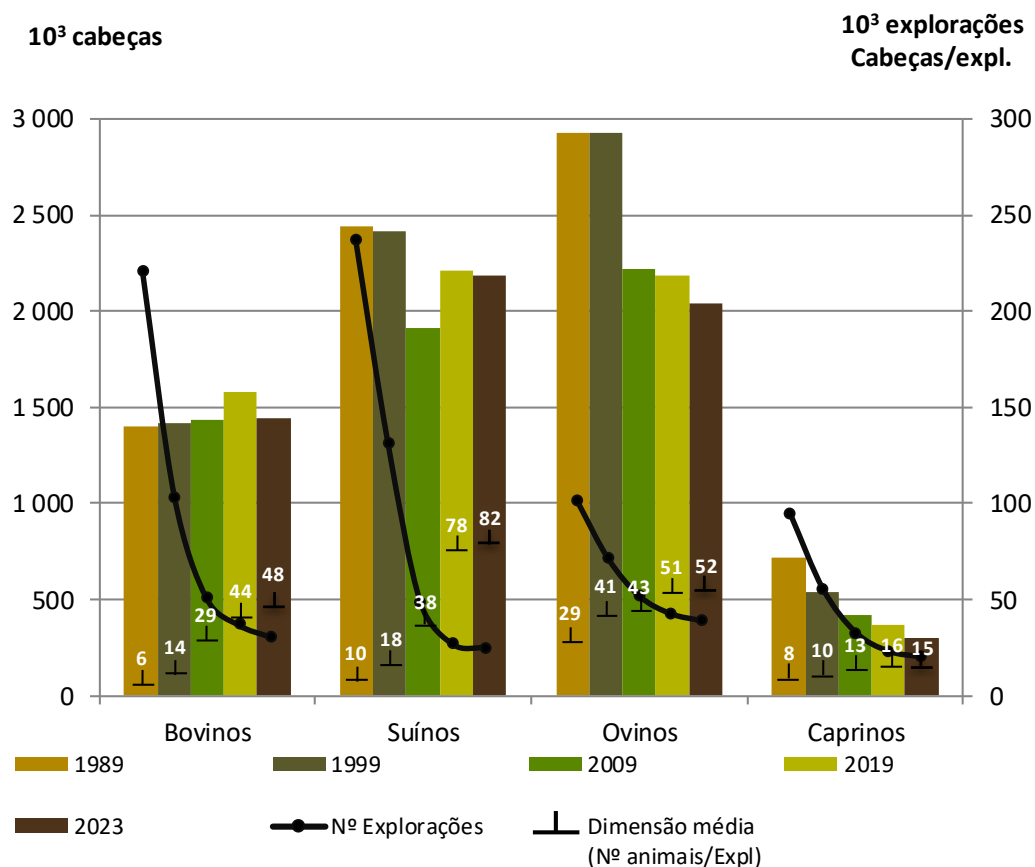
Fonte: INE, IP; DGADR



Efetivos Pecuários: conjuntura desfavorável causa decréscimo do efetivo de herbívoros

O aumento acentuado dos custos de produção (sobretudo da alimentação dos efetivos) e a falta de pastagens devido à seca severa, foram fatores determinantes para a redução do efetivo bovino em 2023. Face a 2019, que registou o maior efetivo das últimas três décadas (1,58 milhões de cabeças), observou-se uma redução de cerca de 136 mil cabeças (-8,6%). O número de explorações diminuiu 17,3%, face a 2019, sendo que as de menor dimensão foram as que mais abandonaram esta atividade: as explorações com menos de 10 bovinos diminuíram 25,7%, enquanto as com 50 ou mais bovinos apenas decresceram 7,1%. Estas alterações levaram a um aumento de 10,5% na dimensão média do efetivo bovino, que passou de 44 cabeças para 48 cabeças por exploração entre 2019 e 2023. De referir que as explorações com 100 ou mais bovinos, apesar de representarem 12,8% das unidades produtivas, concentram 2/3 do efetivo.

Figura 16 - Efetivos animais (1989-2023)



Fonte: INE, IP



O efetivo suíno manteve-se relativamente estável (-1,4%, face a 2019), mas a diminuição do número de produtores (-6,2%), fez aumentar a dimensão média de 78 animais para 82 animais por exploração. Apesar de ainda existir um grande número de pequenos produtores (91,8% das explorações têm menos de 10 suínos), a suinicultura é um dos setores de atividade pecuária onde a produção se encontra mais concentrada, com 89,2% do efetivo detido por 1,2% das explorações.

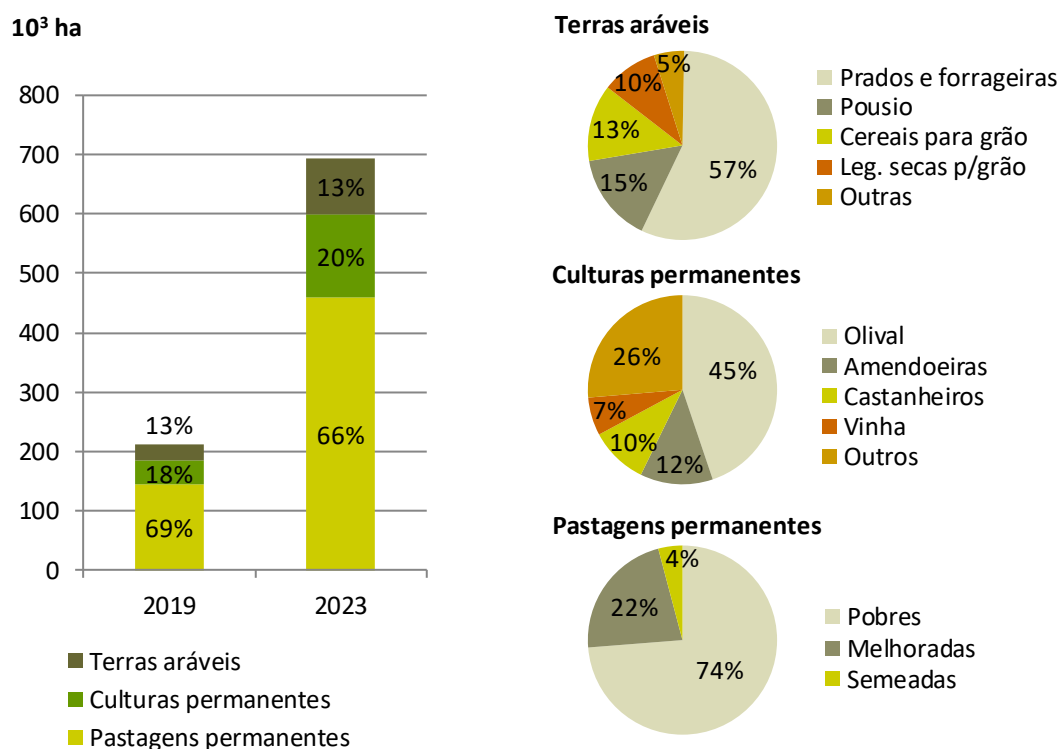
Nos pequenos ruminantes, a conjuntura no período 2019-2023 foi desfavorável, com fatores como a seca, a dificuldade da contratação de mão de obra e os elevados preços dos fatores de produção a condicionarem a atividade. Assistiu-se, assim, a uma diminuição do efetivo ovino (-6,7%) e do efetivo caprino (-18,5%), face a 2019, bem como a decréscimos do número de explorações (-8,7% e -12,7%, respetivamente). Nota para o facto destas reduções terem sido relativamente transversais, afetando quer as grandes quer as pequenas explorações. A dimensão média dos rebanhos manteve-se semelhante a 2019 em ambas as espécies (52 ovinos por exploração e 15 caprinos por exploração).



Agricultura biológica: explorações e áreas certificadas mais que triplicam em 4 anos

Desde 2019 assistiu-se a um aumento significativo da agricultura em modo de produção biológico, cuja representatividade da superfície na SAU passou dos 5,3% para os 18,0%, o número das explorações certificadas das 3,9 mil para as 12,0 mil explorações (+205,9%) e a superfície dos 211,5 mil hectares para os 693,2 mil hectares (+227,8%), sendo que 2/3 são pastagens permanentes, das quais cerca de 3/4 são pastagens pobres. As terras aráveis em modo de produção biológica também aumentaram consideravelmente (+239,4%), sendo a maioria desta superfície destinada aos prados temporários e às culturas forrageiras (56,8%), seguindo-se os cereais para grão (13,1%). No entanto, foram as culturas permanentes em modo produção biológico que apresentaram o maior crescimento (261,3%), passando dos 38,9 mil hectares para os 140,4 mil hectares em 2023, contribuindo os olivais com 44,8% do total, seguindo-se os frutos de casca rija, nomeadamente os amendoais (12,4%) e os castanheiros (9,9%).

Figura 17 - Agricultura biológica (2019 - 2023)



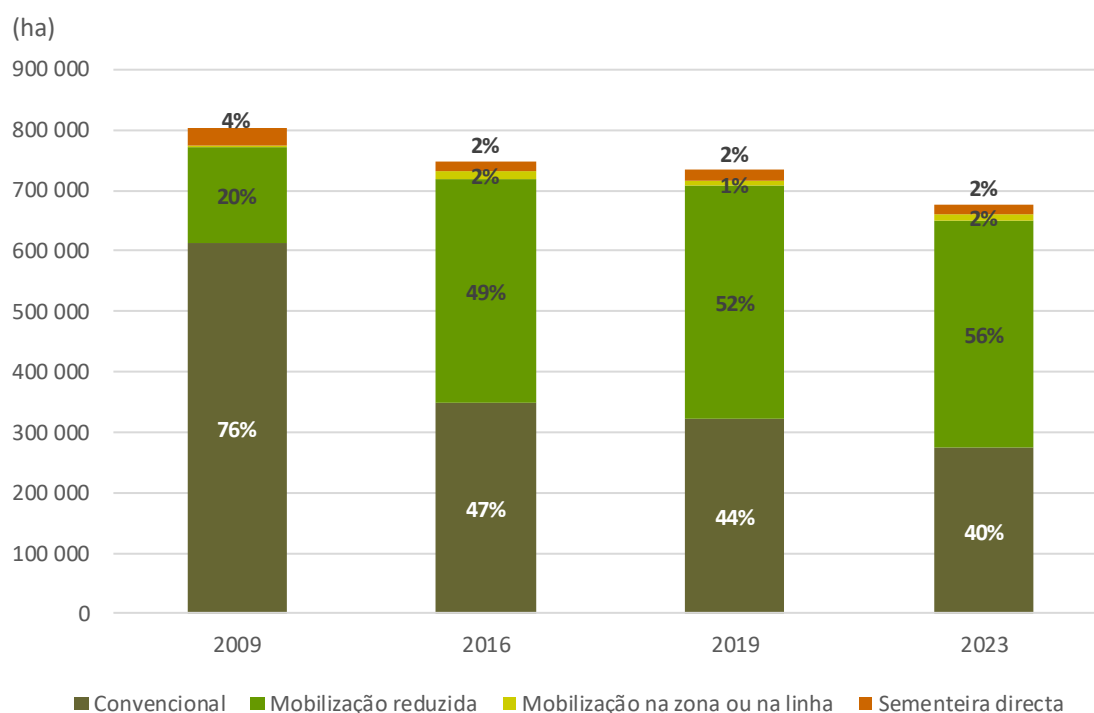
Fonte: INE, IP



Conservação do solo: aumento da importância das boas práticas

A mobilização convencional das terras aráveis, baseada na utilização da charrua e no reviramento da leiva, apresenta uma tendência decrescente desde 2009, em detrimento da mobilização reduzida, baseada no recurso de alfaias de mobilização vertical (escarificador), que permitem a manutenção de algum coberto vegetal na superfície do solo. Sistemas de mobilização de conservação do solo como a mobilização na zona ou na linha e a sementeira directa mantêm uma baixa representatividade.

Figura 18 - Mobilização das terras aráveis (2009-2023)

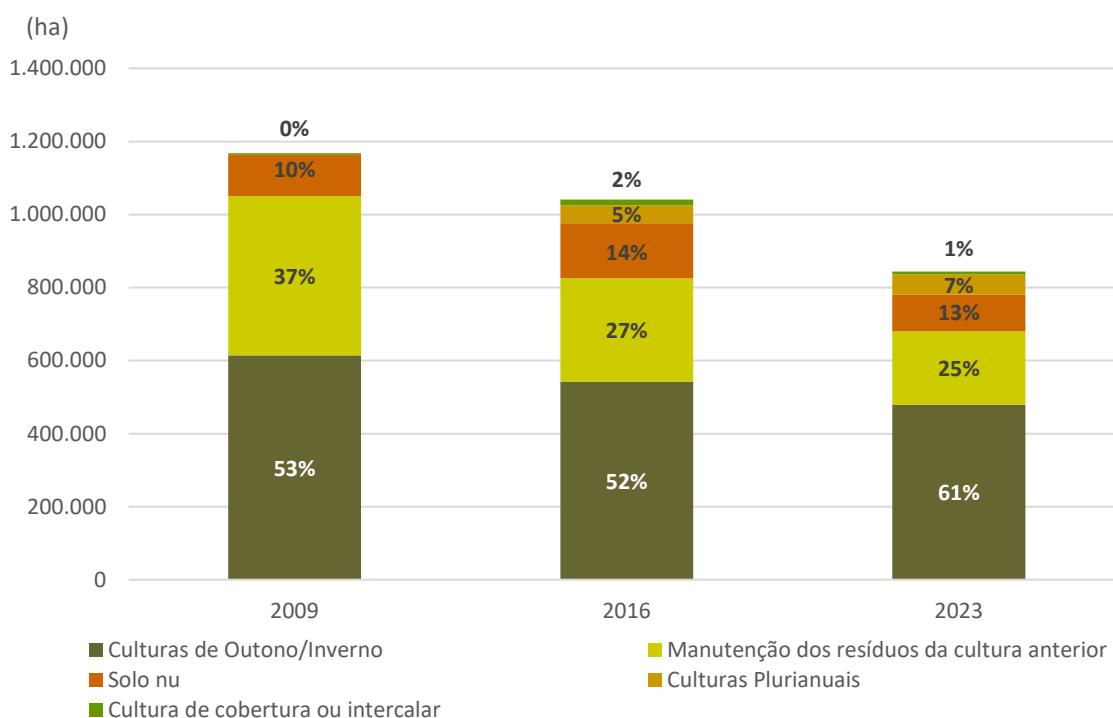


Fonte: INE, IP



A cobertura do solo das terras aráveis durante o inverno é fundamental para avaliar a exposição dos solos à erosão, sendo que a situação de maior vulnerabilidade acontece quando no inverno não é efetuada qualquer cultura, nem são mantidos os resíduos da cultura anterior. Estas superfícies, mantidas em solo nu durante o inverno, representam 12,7% das terras aráveis em 2023. Por outro lado, a representatividade das culturas instaladas com o objetivo de reduzir a erosão e a perda de nutrientes e/ou aumentar os níveis de matéria orgânica e de fertilizantes, normalmente antecedendo uma cultura de primavera/verão, designadas por culturas de cobertura ou intercalar tem uma representatividade marginal (1%).

Figura 19 - Cobertura do solo (2009-2023)



Fonte: INE, IP



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

informação à comunicação social

DIÍSTAQUE

Ficha técnica de execução:

O Inquérito à estrutura das Explorações Agrícolas 2023 tem carácter obrigatório face ao [Regulamento \(UE\) 2018/1091](#) do Parlamento Europeu e do Conselho, responde às necessidades estatísticas internacionais e nacionais, entre recenseamentos agrícolas.

Operação estatística: amostral, dimensionada (31,8 mil explorações agrícolas) e estratificada (327 estratos) de forma a obter resultados estatisticamente significativos para os níveis geográficos NUTSII e Região Agrária;

Período de recolha: iniciou-se em outubro de 2023 e terminou em junho de 2024;

Período de referência: o ano agrícola 2022/2023, com início a 1 de novembro de 2022 e termo a 31 de outubro de 2023, para as culturas instaladas e mão de obra; o dia 1 de setembro de 2023 para o efetivo pecuário;

Documento metodológico: [última atualização em outubro de 2023](#);

Questionários: [Continente](#), [Açores](#) e [Madeira](#);

Cálculo do volume de água de rega: baseado nas dotações anuais de referência de rega por cultura e método de rega para a intervenção C.1.1.1.2 - uso eficiente da água (medida agroambiental), determinadas pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR) através da metodologia preconizada pela Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO). Na para sete regiões agroclimáticas (Norte e Centro Litoral, Centro Interior, Santarém, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve). As dotações de rega de referência resultam da seleção do valor mais exigente selecionado entre os obtidos pela aplicação das normais climatológicas 1971-2000 ou 1991-2020 do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA). Esta opção metodológica permitirá incorporar o pior cenário climático para as necessidades hídricas das culturas agrícolas, incorporando indiretamente o impacto das mudanças climáticas. Os valores do volume de rega obtidos resultam do produto entre as dotações de referência de rega e as superfícies apuradas no Inquérito à estrutura das Explorações Agrícolas 2023.